



O Professor no Museu: o que revela uma ação de extensão do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

Nilzilene Imaculada Lucindo¹ - nilzilenelucindo@yahoo.com.br

RESUMO:

A oficina “O Professor no Museu” é uma ação de extensão desenvolvida pelo Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, voltada para professores da Educação Básica. Foi constatado que muitos professores não planejavam previamente a visita ao museu e para reverter o cenário, esta ação foi implementada com a finalidade de estreitar as relações educativas entre os professores e o MHNJB, propiciando maior conhecimento sobre os espaços expositivos e as potencialidades do museu. O trabalho embasa-se nos estudos de Marandino (2001; 2005; 2008); Pereira (2007); Falcão (2009). Os resultados demonstram que a ação fornece subsídios para repensar a formação docente no MHNJB, abre possibilidades para desenvolver um projeto mais amplo de formação continuada e estimular as pesquisas sobre a educação em museus.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação em Museus; Educação Básica; Formação Continuada de Professores.

ABSTRACT

The workshop “The Professor at the Museum” is an action extension developed by the Natural History Museum and the UFMG Botanic Gardens, geared for teachers of basic education. It has been found that many teachers not previously planned visit to the museum and to reverse the scenario, this action was implemented with the purpose of strengthening the educational

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto; Pós-Graduada em Gestão de Pessoas com ênfase em Pedagogia Empresarial; Gestão Contemporânea da Educação Escolar e em Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Coordenadora da ação de extensão no MHNJB/UFMG.

relationship between teachers and MHNJB, providing greater insight into the exhibition space and the potential of the museum. The work underlies on studies of Marandino (2001, 2005; 2008); Pereira (2007); Falcon (2009). The results showed that the action provides subsidies for rethinking teacher education in MHNJB opens opportunities to develop a broader project of continuing education and encourage research on museum education.

KEYWORDS

Education in Museums; Basic Education; Continuing Teacher Education.

1 Introdução

O artigo aborda os achados de uma prática de formação continuada que vem sendo desenvolvida no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais - MHNJB/UFMG. Trata-se da ação de extensão, denominada oficina “O Professor no Museu”, que tem como finalidade estreitar as relações educativas entre os professores e o MHNJB, propiciando maior conhecimento sobre os espaços expositivos e as potencialidades do museu.

Segundo Marandino (2008), um dos públicos mais expressivos nos museus é o escolar. Do público que visitou o MHNJB em 2012, 45,9% se constituiu de escolares. Observamos que a partir da visita de escolares, outros públicos são agregados, já conhecendo o museu, esse público impulsiona a visita de familiares. A procura do MHNJB pelas escolas que trabalham com o Projeto de Tempo Integral tem aumentado. Os professores buscam a visita a museus por diferentes motivos: como uma atividade extraclasse, para dinamizar o conteúdo que é abordado na sala de aula, para permitir que ao aluno perceba diferentes formas de articular o tema abordado ou vivencie situações que não podem ser experimentadas na escola.

No passado, o museu era acessível a um público bem restrito (Falcão, 2009), realidade que mudou na atualidade. O público é hoje uma das razões que justifica a existência dessas instituições que se veem empenhadas em atrair este público, traçando diversas estratégias. Para atrair os docentes, os museus disponibilizam programas, seminários, cursos voltados para educação em museus e para utilização de seus espaços pelos professores, oficinas, dentre outras atividades. O MHNJB é uma dessas instituições que desenvolve atividades voltadas para os docentes.

Destarte, é com a finalidade de apresentar os resultados desta ação que se socializa esta prática de formação continuada. Sua publicação pretende contribuir para fomentar o desenvolvimento de propostas de formação continuada de professores em espaços de educação não formal; favorecer o desenvolvimento profissional docente contribuindo para uma melhoria da prática pedagógica; proporcionar uma educação que extrapola os muros da escola; estimular a produção da pesquisa sobre a educação em museus; além de incentivar a visita a espaços científicos, culturais e artísticos.

2 Falando um pouco de museus

Falcão (2009, p.12) ressalta que várias instituições, meios e práticas se encarregam de mostrar o passado à sociedade, todavia, considera o museu como “um dos dispositivos privilegiados através dos quais o passado é apresentado ao público”. Para essa autora, o museu, “como instituição dedicada à memória e à celebração do passado” corrobora para a construção de identidades e ideologias.

A relevância dos museus é incontestável não apenas para ampliar o conhecimento e a cultura dos cidadãos. O museu extrapola o conceito de instituição dedicada a conservação, exposição e depósito de objetos e, na contemporaneidade, se apresenta como um aparato capaz de promover uma interpretação acessível da realidade social, histórica e cultural, complementando os espaços formais de aprendizagem. Os museus preservam a memória e a cultura da humanidade, é um espaço de contemplação, questionamentos, aprendizado e vivências. Além disso, salienta Marandino, eles propiciam o desenvolvimento da cidadania.

Uma visita a um museu pode ser mais do que divertimento, não só por estimular o aprendizado e a observação, mas por promover o exercício da cidadania indistintamente, tanto através de suas atividades educativas, como por estimular a participação dos mais diversos grupos de pessoas dos vários níveis socioeconômicos (2008, p.21).

Contudo, Marandino (2008) destaca que a percepção dos museus como espaços educativos é recente. “É ainda bastante comum a associação da palavra museu a locais com a função de “guardar coisas velhas” (Marandino, 2005, p.1)”. Santos faz referência a essa concepção, destacando que:

O conceito de museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como “um local onde se guarda coisas antigas”, sendo que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo aos sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos (2001, p.5).

Embora persista essa concepção, observamos que, aos poucos, ela vai se modificando. As ações culturais e educativas desenvolvidas pelos museus exercem um papel fundamental para mudar essa concepção.

Falcão (2009, p.14) registra que “os museus possuem um caráter educacional vinculado à sua própria origem, uma vez que, desde o início, se configuravam como espaços de pesquisa e ensino”. Para Libâneo (2010), a sociedade atual está repleta de práticas educativas, logo, a aprendizagem ocorre em espaços distintos, inclusive no museu, espaço de educação não formal, segundo Marandino (2009). Compreenderemos essa classificação atribuída pela autora a partir da definição dos conceitos de educação informal, não formal e formal.

Na perspectiva de Libâneo,

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.
A educação não formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação.
A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática (2010, p.31).

Complementando o conceito de educação não formal, Libâneo exemplifica:

Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc (2010, p. 89).

Para Gohn, a educação não formal

designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc (2006, p.2).

Caracterizado o campo de inserção dos museus, o seu conceito é definido pelo Conselho Internacional de Museus.

Os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes (ICOM, 2001).

Os museus são descritos por Pereira (2007), como “ambientes culturais e educativos” que “pretendem educar por meio da sensibilização”. São locais que “cultivam a comunicação e a produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras”. Segundo a autora,

Trata-se de instituição social, cultural e histórica, promotora de argumentos culturais, políticos e éticos, vinculando-se, por isso, a uma temporalidade e às peculiaridades de uma sociedade. É, também, ambiente de encantamento, entretenimento, admiração, confronto e diálogo (Pereira, 2007, p.11).

Para Van-Praet e Poucet (apud Marandino, 2005, p.166), “o discurso museal, na sua especificidade, há muito tempo se apoia nos objetos, sendo estes, fonte de riqueza e interatividade”. Pensamento reiterado por Marandino ao declarar que:

Os objetos são elementos centrais e a alma dos museus, sendo também fonte de contemplação e interatividade. Assim, nas ações educativas dos museus é essencial favorecer o acesso aos seus objetos, dando-lhes sentido e promovendo leituras sobre eles. Por meio dos objetos o visitante pode se sensibilizar e se apropriar dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e científicos envolvidos (2008, p.20).

Em Didática Magna, Comenius (2011, p.231) ao tratar do método para o ensino de ciências expõe que a observação das coisas se dá mediante a necessidade dos olhos, do objeto e da luz. Por conseguinte, “a regra áurea dos que ensinam deve ser: todas as coisas, na medida do possível, devem ser postas diante dos sentidos.” Tal regra se justifica em função do conhecimento que se inicia através dos sentidos. Para Comenius, “só depois que o objeto foi mostrado é que pode ser explicado melhor com palavras”. Primeiro, as coisas se imprimem nos sentidos e depois, no intelecto.

Comenius afirma que os sentidos colaboram com a memória e quem chega a conhecer a partir da demonstração sensível saberá para sempre. Recomenda que, caso não seja possível dispor das coisas reais, deve-se substituir essas por modelos ou imagens especialmente para o ensino. Mediante o exposto, constata-se que a prescrição deste pensador do século XVI dá sentido aos objetos e aos museus, já que os objetos que compõem o acervo dessas instituições são portadores de informações e mediadores na construção do conhecimento. São ainda utilizados como suportes de demonstração e se constituem fonte de estudo, pesquisa e difusão do conhecimento. Não obstante, “cada vez mais professores das diferentes áreas se interessam por conhecer melhor este espaço, tendo por objetivo propiciar um melhor aproveitamento do mesmo pelos alunos” (Marandino, 2001, p.87).

A ação educativa que ocorre nesses espaços está centrada nos objetos e, segundo Almeida (1997, p.50) tem por objetivo, “ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade e daqueles que estão à sua volta”. Contudo, Almeida afirma que os museus “tem potencial de ultrapassar a complementaridade da escola”, uma vez que a experiência proporcionada com os objetos pode gerar motivação, curiosidade e questionamento, além da aprendizagem de elementos tanto cognitivos como afetivos. Sendo assim, pode-se concluir que escolas e museus constituem-se espaços educacionais. Embora sejam espaços distintos, ambos são imprescindíveis para a formação do indivíduo.

3 O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

O MHNJB é um órgão suplementar da UFMG que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em áreas das ciências naturais. Foi uma vasta fazenda com 600.000 m² pertencente à família Guimarães, que desapropriada no início do século XX foi adquirida pelo Governo do Estado de Minas Gerais como Horto Florestal. Mais tarde, transformou-se em Estação Experimental de Agricultura e em 1953, em Instituto Agrônomo. Em 1969, parte da área do Instituto Agrônomo foi cedida à UFMG para a instalação do MHNJB. Na década de 70, o Museu passou a atrair vários visitantes por abrigar o Presépio do Píripaipu, obra tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e em 2010 foi reconhecido como Jardim Botânico pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA.

O MHNJB é uma das maiores áreas de mata preservada em Belo Horizonte / Minas Gerais, abriga projetos de pesquisas em várias áreas e desenvolve estudos sobre a fauna e flora, projetos artísticos, ações de educação, preservação ambiental e cultural.

Suas coleções estão organizadas de acordo com as seguintes áreas: Arqueologia Pré-Histórica, Arqueologia Histórica, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Botânica, Etnologia Indígena, Arte Popular e Iconografia.



Figura 1: Exposição de Paleontologia - MHNJB/UFMG

Fonte: Arquivo da pesquisadora

A instituição é um espaço privilegiado que constitui campo factível para a educação não formal. O MHNJB propicia, por meio do seu patrimônio natural e cultural, a sensibilização da sociedade para preservar o patrimônio e promover o desenvolvimento sustentável. Atuando como agente responsável na preservação do patrimônio, o museu recebeu no ano de 2013 um público estimado de 51.000 visitantes.

Para propiciar essa sensibilização, uma ação bem significativa do MHNJB é o Programa de Educação Ambiental e Patrimonial - PEAP que vem sendo desenvolvido desde 1989, coordenado pela equipe do Centro de Extensão - CENEX. Seu objetivo consiste em divulgar e promover a extensão do conhecimento referente ao acervo museológico e ao patrimônio natural, material e imaterial do MHNJB, evidenciando valores científicos e culturais.

A partir deste programa, é possível estimular a inserção de visitas ao MHNJB, nos programas da educação formal da Educação Básica, como instrumentos/recursos de ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares; contribuir para a formação do público para a visitação de espaços museológicos e de preservação ambiental; organizar exposições temáticas, com vistas à divulgação das coleções museológicas e dos espécimes da flora e fauna existentes na instituição; estimular a percepção e interpretação ambiental, considerando as características particulares da área do MHNJB; conhecer a vida dos animais pré-históricos e a cultura dos antepassados; compreender os processos de transformação dos bens naturais em objetos de uso cotidiano e outros artefatos culturais, dentre outros objetivos.

Dentre as atividades que são desenvolvidas pelo PEAP, a mais tradicional é a visita mediada realizada a partir do agendamento de grupos escolares. O atendimento desses grupos e de outros tipos de público que procuram a instituição é realizado pelos estudantes de licenciaturas da UFMG, os quais tem o papel de realizar uma mediação dialógica. Vários outros projetos e ações integram o PEAP, dentre eles: o Projeto Quatro Estações; o Projeto de Formação de Mediadores de Ações Educativas; o Projeto Redescobrimo o Museu: novos olhares sobre a biodiversidade e o acervo do MHNJB; o Projeto Integrando o Espaço Interativo Ciências da Vida ao MHNJB; a Colônia de Férias no Museu; Lua Cheia no Museu; Seminário de Formação de Educadores do MHNJB e a Oficina "O Professor no Museu". Enfim, a instituição busca aproximar-se da comunidade oportunizando o acesso à informação, à cultura, ao conhecimento científico e ao lazer.

4 A oficina "O Professor no Museu"

A oficina "O Professor no Museu" configura-se como uma ação de extensão e é desenvolvida no MHNJB/UFMG desde o ano de 2012. Voltada para professores, pedagogos e coordenadores pedagógicos que atuam na Educação Básica e para alunos das licenciaturas da

UFMG, esta ação surgiu em função das avaliações realizadas pela equipe do Centro de Extensão do MHNJB, as quais indicaram que, muitas vezes, os professores não planejavam previamente a visita ao Museu e muitos desconheciam os espaços expositivos que seriam visitados.

Na concepção de Van-Praet e Poucet (*apud* Marandino, 2008, p.20), “a educação em museus implica processos específicos. Tais particularidades se referem a elementos como o *lugar*, o *tempo* e a importância dos *objetos*.” Para considerar estes aspectos, se faz necessário deter um conhecimento prévio da instituição. Marandino (2009, p.29) afirma que “para que as visitas escolares aproveitem intensamente o potencial educativo dos museus, é muito importante que os professores conheçam as particularidades desse local ao desenvolver sua interface com o público”.

O conhecimento prévio do museu e de seus espaços corrobora para subsidiar o planejamento da visita. O planejamento por sua vez, influencia o desenvolvimento das temáticas das exposições e contribui para maior ganho cognitivo dos alunos. A pré-visita que é realizada pelos professores antes de esses visitarem a instituição museológica com suas turmas, permite aos docentes conhecerem a estrutura e as potencialidades de cada espaço expositivo e estabelecerem um diálogo com os educadores do museu.

Ao conceber a oficina pensou-se em uma ação que apresentasse aos professores o MHNJB como um espaço educativo, como se organizavam suas coleções, quais atividades o museu desenvolvia, de quais espaços dispunha, dentre outros aspectos. A ideia consistia em oferecer aos professores a possibilidade de conhecer a dinâmica e as potencialidades da instituição, antes da visita com seus alunos. Assim, a oficina foi instituída com a finalidade de estreitar as relações educativas entre os professores e o MHNJB, propiciando maior conhecimento sobre os espaços expositivos e as potencialidades do museu.

Seu objetivo geral é acolher professores, interessados em desenvolver atividades educativas no MHNJB, oferecendo-lhes informações significativas com vistas ao planejamento de uma ação educativa produtiva e de interesse, quando da visita acompanhada de grupos escolares. Os objetivos específicos visam contribuir de forma significativa para o aproveitamento da estrutura oferecida pelo Museu como suporte para a educação formal e também para a formação continuada do professor; oportunizar o melhor planejamento da visita e a organização das atividades a serem desenvolvidas com os escolares, qualificando o processo educativo no espaço museológico, além do realizado em sala de aula; tornar possível a consecução dos objetivos específicos definidos pelos professores, referentes à visita a instituição e a adequação dos conteúdos a serem abordados pelos educadores do Museu à realidade social e cognitiva dos visitantes escolares.

A ação, realizada sob a forma de oficina, procura atingir educadores de escolas que já fazem parte do público do Museu e aqueles que ainda não conhecem a instituição, bem como alunos matriculados nos cursos de graduação - Licenciaturas.



Figura 2: Mediação dialógica realizada durante a visita aos espaços expositivos

Fonte: Assessoria de Comunicação / MHNJB/UFMG

A programação da oficina, com duração de 4 horas, inclui uma palestra que apresenta o MHNJB como espaço educativo, enfocando o Programa de Educação Ambiental e Patrimonial, seus projetos e suas ações. Na etapa seguinte os participantes tem a oportunidade de estabelecer um diálogo com a equipe do CENEX. Posteriormente, são convidados a participar de uma oficina de cartão ecológico ministrada pela Bióloga da instituição. Na sequência, conhecem, através de uma visita mediada pelos educadores do museu, o espaço museológico constituído pelas diversas exposições e pela mata, bem como as potencialidades educativas que esses espaços oferecem. Ao final, assistem a uma apresentação cultural no Anfiteatro da Mata e realizam a avaliação da ação. A mediação dialógica é realizada durante todo o percurso.

A avaliação prevista para esta ação compreende três etapas: a primeira etapa é realizada durante o desenvolvimento das atividades quando os participantes, subdivididos em grupos, conversam com a equipe que os acompanhou durante a visita mediada aos espaços expositivos; na segunda etapa, ao término da visita, o participante responde o formulário de avaliação e por fim, na terceira etapa, é realizada uma avaliação com toda a equipe do MHNJB.



Figura 3: Participantes da Oficina - Turma da Manhã / 2013

Fonte: Assessoria de Comunicação / MHNJB/UFMG

5 Principais achados

A primeira oferta da oficina foi realizada em 2012. No ano de 2013, a oficina foi realizada duas vezes, em março e maio, tendo em vista a demanda apresentada. O número de participantes das três edições totaliza 320 professores. Contudo, os resultados que serão aqui apresentados referem-se ao trabalho realizado em 2013.

O público-alvo participante se constituiu de 160 professores de áreas diversas, coordenadores pedagógicos, pedagogos e estudantes de licenciaturas da UFMG e outras instituições, sobretudo dos cursos de Ciências Biológicas e Pedagogia. Também participaram estudantes do curso de Magistério em nível médio.

Os resultados foram apurados com base na avaliação da equipe envolvida e dos 139 participantes que devolveram a avaliação. Na primeira parte, o foco da avaliação voltou-se para os participantes considerando as seguintes questões: alcance do objetivo proposto, interesse do público em participar de outras ações no MHNJB e a percepção dos participantes sobre a vivência proporcionada. Na segunda parte, o foco da avaliação centrou-se na equipe do MHNJB.

De acordo com 97,2% dos participantes, o objetivo foi alcançado. Ao elencarem as justificativas para esta questão, citaram que:

“Museu é um espaço educativo, impossível sair daqui pensando diferente. Mas vai além disso, é lugar de lazer, deleite, cultura, convívio social”(S02);

“Possibilitou uma percepção dos espaços educativos e em quais contextos escolares podem ser utilizados e aproveitados” (S18);

“Aprendi bastante sobre o museu, antes tinha uma ideia diferente, hoje vi que no museu podemos encontrar muito conhecimento e experiências” (S19).

As respostas elencadas demonstram a ampliação do conceito do museu por parte dos professores bem como reiteram a compreensão de museu como espaço educativo. Essas respostas revelam que para esse grupo de docentes, o museu não se restringe a um espaço de guarda de objetos (Santos, 2001) e se apresenta como um local de encantamento, reflexão e apropriação de cultura, como expôs Pereira (2007). O último depoimento se aproxima mais do que podemos chamar de desmistificação em torno da concepção de museu.

O público também fez referência ao aspecto interdisciplinar gerado pelas temáticas abordadas, o que para Falcão (2009) é um dos motivos pelos quais os professores buscam os museus.

“Permite de forma clara e objetiva, demonstrar todas as possibilidades do museu. Além de divulgar os projetos desenvolvidos pela equipe multidisciplinar que servem como exemplos de práticas educativas significantes” (S07);

“[...] o encontro possibilitou pensar as várias formas de promover uma maior interação entre o museu e a escola, perpassando por “quase todas” as disciplinas” (S34).

“[...] mostrou vários locais que direta ou indiretamente podem ser associados as disciplinas (conteúdo ministrados na escola). Vários temas que podem ser trabalhados de maneira interdisciplinar”(S33).

Os docentes destacaram as possibilidades educativas que se relacionam com as estratégias na abordagem de conteúdos, visualizando que há espaços de aprendizagem além dos muros da escola. Ainda fizeram menção ao planejamento antes da visita com os alunos.

“Mostrar/demonstrar as inúmeras possibilidades educativas/pedagógicas do MHNJB” (S19);

“Me abriu os olhos para possibilidades além da sala de aula” (S13);

“Tivemos uma visão do que as crianças experimentarão. Vivenciar antes delas é uma boa oportunidade para um melhor planejamento” (S18).

As respostas também refletiram a motivação com a experiência vivenciada e a aprendizagem de elementos cognitivos e afetivos, conforme destacou Almeida (1997).

“[...] causou impacto positivo e vontade dos professores passar para seus alunos” (S01);

“[...] E foi muito rico, mas juntamente por isso sugiro que seja mais tempo a oficina” (S12).

Segundo 1,7% o objetivo proposto não foi alcançado. Esses alegaram que: “O acompanhamento e sugestão da utilização dos mesmos foi muito precário e o tempo de falação foi muito extenso” (S25); “Pois devido ao pequeno atraso não podemos contemplar tudo que estava programado” (S26).

Em relação ao interesse do público em participar de outras atividades promovidas pela instituição, 99,3% dos participantes demonstrou interesse em participar de outras ações desenvolvidas pelo MHNJB, o que pode significar o início de um diálogo mais efetivo entre o MHNJB e as escolas.

A última questão do formulário de avaliação, solicitava aos participantes que fizessem comentários, críticas e sugestões, explicitando sua percepção sobre a ação. A primeira resposta remeteu a um dos objetivos do PEAP o qual tem como uma de suas premissas sensibilizar a sociedade para a conservação do patrimônio natural e cultural: “Foi um evento muito bom, enriquecedor, com muita diversidade de campos a ser trabalhados, muitas ideias novas a ser trabalhadas com crianças e o mais importante, a conservação, a conscientização e sustentabilidade”.

Outros participantes fizeram menção ao tempo dispensado à atividade, apontando que esse foi insuficiente. De acordo com Marandino (2008), o tempo gasto em uma exposição é determinado pela concepção da mesma e pelo trabalho do mediador. A partir das narrativas desses sujeitos, constatamos a necessidade de ampliar o tempo destinado a ação, o que pode evidenciar que os professores almejavam passar mais tempo na instituição a fim de explorar mais os seus espaços.

“Organizar melhor o tempo ou até mesmo ser maior o tempo” (S01);

“O tempo foi insuficiente ficando outros espaços sem ser visitados”(S19);

“Não tenho críticas, só sugestões para eventos onde possamos ficar mais tempo. Parabéns à organização e monitores”(S15);

“Infelizmente o tempo foi curto para tantos ensinamentos. Proponho um curso com maior duração” (S21).

É incontestável que para oferecer uma educação de qualidade são demandadas diversas ações, dentre essas, reconhecer, valorizar e aprimorar o trabalho docente. Entretanto, garantir a oferta dessa educação de qualidade só será possível se for proporcionada aos professores uma formação de qualidade, acompanhada é claro, do suprimento de outras necessidades relativas ao seu desempenho profissional (Gatti; Barreto; André, 2011). Um aspecto salientado pelos educadores na avaliação trata do reconhecimento da iniciativa adotada pela MHNJB ao propiciar uma ação de formação continuada para os professores. No campo das políticas de formação docente o investimento em formação continuada tem sido uma demanda constante em função de se configurar como uma das formas de elevar os níveis de qualidade da educação pública.

“Gostaria de parabenizá-los pelo curso aos professores, pois são poucas as oportunidades que temos para nos aperfeiçoarmos cada vez mais e assim levarmos para a sala de aula novidades e estratégias que chamem a atenção de nossos alunos”(S04);

“É de grande importância o aprimoramento de conceitos e a possibilidade de agregar valores em eventos dessa magnitude. Obrigada pela oportunidade”(S06);

“O evento poderia acontecer mais vezes ao longo do ano e a divulgação poderia atingir de forma mais efetiva as escolas de educação básica” (S10).

O trabalho permitiu identificar que esta ação propiciou maior interlocução do MHNJB com as escolas, possibilitando a abertura de portas e a construção de um diálogo permanente, que permitirá o planejamento conjunto de novas ações e o atendimento de outras demandas. Nas palavras dos participantes:

“Bom trabalho, boa oficina, gostei da iniciativa. Sugiro um programa de continuidade, saber o resultado caso os professores tragam os alunos” (S20);

“Deveria ser mais explorado pelas escolas e comunidades como meio de conhecimentos e lazer educativo” (S08);

“Que este projeto pudesse ser encaminhado para a supervisão das escolas para que essa programasse uma visita com a equipe docente. Para que não fique uma coisa solta, onde só alguns participam. No mais é uma visita muito rica, pena que o tempo é pouco para conhecer a diversidade de espaços e informações” (S28);

“Fazer turmas fechadas com as escolas, sobretudo para facilitar os futuros trabalhos interdisciplinar” (S32).

Quanto à observação dos educadores do MHNJB, a questão do tempo insuficiente foi reiterada, já que a carga horária de 4 horas para visitar todos os espaços foi insuficiente e havia outra turma para o turno da tarde.

Constatou-se que a oficina teve uma grande demanda e atendeu ao que se propôs, sendo necessário adequar a programação às sugestões apresentadas pelo público-alvo. A necessidade e a relevância de manter um diálogo entre as duas instituições para a troca de programas e ações educativas também foi reiterada. De uma forma geral, a oficina “O Professor no Museu” cumpriu os objetivos a que se propôs, principalmente, por auxiliar os professores no planejamento da visita e por ter fornecido subsídios para repensar a formação docente no âmbito do MHNJB.

6 Considerações Finais

A oficina proposta constitui uma ação de extensão que dá margem para desenvolver um projeto mais amplo de formação continuada de professores no MHNJB. Neste novo projeto, outras atividades podem ser contempladas, dentre as quais: cursos sobre educação em museus, maior exploração dos espaços expositivos articulada com a elaboração de conteúdos e planos de aula com vistas a auxiliar o professor no que será desenvolvido com seus alunos, novas oficinas para elaboração de material didático-pedagógico; vivências lúdicas como estratégias de sensibilização e aprendizagem, apresentação de outros recursos pedagógicos e materiais didáticos que o museu produz e utiliza no seu cotidiano e que podem ser utilizados pelos professores; trabalhos de grupos com docentes para a socialização de planos de aulas e recursos didáticos, o que amplia as possibilidades de atuação do professor em sala; relatos de experiências e apresentação de projetos interdisciplinares que iniciem na escola e outros tipos de trabalho que podem ter seus resultados socializados em um seminário voltado para os docentes.

7 Referências bibliográficas

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da Relação Museu-Escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, [10]: 50 a 56, set./dez. 1997

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. Aparelho Crítico Marta Fattori; Tradução de Ivone Castilho Beneditti. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, 390 p.

FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. In: Salto para o Futuro. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz de Afonso. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011. 300 p.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Access on: 04 July, 2014.

ICOM. 2001. 20ª Assembleia Geral. Barcelona. Espanha. Código de Ética Profissional.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARANDINO, Martha. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

_____. **Interfaces na Relação Museu-Escola**. In: Cad. Cat. Ens. Fís., v.18, n.1: p.85-100, abr. 2001.

_____. Museus de Ciências como Espaços de Educação. In: **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p.165-176.

_____. Museu como lugar de cidadania. In: Salto para o Futuro. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

PEREIRA, Júnia Sales. **Escola e Museus: diálogos e práticas** / Júnia Sales Pereira, Lana Mara de Castro Siman, Carina Martins Costa, Silvania Sousa do Nascimento. – Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; 2007. 128 p.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. In: Aula Inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP / Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, 20 a 25 de agosto de 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Museu de História Natural e Jardim Botânico. **Programa de Educação Ambiental e Patrimonial: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**. Belo Horizonte: MHNJB/UFMG, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Museu de História Natural e Jardim Botânico. **Relatório de gestão 2006/2010: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**. Belo Horizonte: MHNJB/UFMG, 2010. 62 p.: il., color.